



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE COMPUTAÇÃO

Requisitos para Desenvolvimento de Curso Online sobre Masculinidade Tóxica: Revisão Sistemática

Trabalho de Conclusão de Curso II

Verônica dos Santos Nascimento



Departamento de Computação/UFS

São Cristóvão – Sergipe

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE COMPUTAÇÃO

Verônica dos Santos Nascimento

Requisitos para Desenvolvimento de Curso Online sobre Masculinidade Tóxica: Revisão Sistemática

Trabalho de Conclusão de Curso II submetido ao Departamento de Computação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciência da Computação.

Orientador(a): Prof. Dra. Kenia Kodel Cox

São Cristóvão – Sergipe

2022

Resumo

Este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão sistemática para identificar os elementos do contexto, requisitos e arquitetura, para desenvolvimento de curso online voltado para a reeducação de autores de agressão doméstica, conforme metodologia INTERA e atendendo ao que determina a Lei Maria da Penha, realizar uma revisão sistemática para identificar os elementos do contexto, requisitos e arquitetura. Contextualização, requisitos e arquitetura são as três primeiras fases da INTERA, a qual pode ser aplicada para o desenvolvimento de curso online visando implementar grupos reflexivos - aplicados no Brasil para ressignificação da masculinidade pelo agressor doméstico. O modelo de masculinidade predominante no contexto brasileiro é tóxico e se reflete em prejuízos para os homens, assim como para toda a sociedade, a exemplo da violência doméstica. Para tanto foi aplicada a revisão sistemática de literatura, visando identificar elementos como: objetivos, conteúdo, carga horária, recursos educativos aplicados em grupos reflexivos nas iniciativas de reeducação de agressores domésticos para delineamento de um curso online. Como resultado parcial tem-se como tema predominando a desconstrução das expectativas de gênero, com o objetivo de promoção de ambiente reflexivo, socioeducativo e responsabilizante, duração média de 12 horas, onde se deve aplicar recursos midiáticos para provocar reflexões e/ou promover a culminância dessas, bem como estimular a comunicação entre os envolvidos de forma segura e acessível, o que corrobora com a ideia de desenvolvimento de curso online para reeducação do agressor doméstico.

Palavras-chave: grupo reflexivo, autor de agressão doméstica, masculinidade tóxica, curso online, justiça terapêutica, revisão sistemática

Lista de Figuras

Figura 1 - Imposições Culturais que Aprisionam os Homens	15
Figura 2 - A “Caixa dos Homens”	16
Figura 3 - Expressões de Construção da Masculinidade Tóxica	16
Figura 4 - 10 Startups Voltadas para Educação	21
Figura 5 - Passos de Aplicação da Revisão Sistemática de Literatura	26
Figura 6 - Número de encontros nas iniciativas de reeducação de autores de agressão doméstica	29
Figura 7 - Percentual de ocorrências das categorias nas iniciativas de reeducação de autores de agressão doméstica	30
Figura 8 - Número de artigos conforme objetivos nas iniciativas de reeducação de autores de agressão doméstica	31

Lista de Quadros

Quadro 1 - Trabalhos selecionados acerca de reeducação de autores de violência doméstica 28

Lista de Abreviaturas e Siglas

OA	Objetos de Aprendizagem
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
OAB	Ordem de Advogados do Brasil
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
RS	Revisão Sistemática
RSL	Revisão Sistemática de Literatura
INTERA	Metodologia para Construção de Cursos Online

Sumário

1	Introdução	07
2	Masculinidade Tóxica	13
3	TICs na Educação	19
4	Metodologias de Pesquisa	23
5	Aplicação da RSL	26
	5.1 Coleta	26
	5.2 Análise	29
	5.3 Grupos Reflexivos e Masculinidade Tóxica	32
	5.3 Grupos Reflexivos e Cursos Online	32
	5.3 Grupos Reflexivos e Masculinidade Tóxica	32
6	Conclusão	35
	Referências	36

1 Introdução

Desde o início dos tempos, existe uma separação entre homens e mulheres. Uma distinção entre o que um homem pode ou não fazer e entre o que uma mulher pode ou não fazer. Apesar dos avanços na sociedade, muitas coisas continuam iguais. Em pleno século XXI, as mulheres continuam sofrendo preconceitos, enfrentando desafios, devido ao machismo existente no mundo. Os preconceitos acabam trazendo muitas desigualdades e muitos problemas para todas.

Sobre a igualdade com a qual homens e mulheres devem ser tratados, a OAB (2009), afirma: “Mas ainda é só uma previsão legal, pois a realidade demonstra que a mais degradante desigualdade no tratamento desses direitos ainda pesa sobre as costas das mulheres, muitas vezes escondida [...]”.

Isto acontece mesmo se observando que mais da metade da população brasileira é feminina (IBGE, 2019). A PNAD Contínua 2019 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2019), constatou que cerca de 51,8% dos cidadãos do Brasil são mulheres e 48,2% são homens.

Observa-se que no mundo corporativo, as pessoas que trabalham em equipe com diversidade, apresentam melhor resultado. “Pessoas com diferentes origens, crenças, etnias, classes sociais, [...] quando parte de um mesmo propósito, podem compartilhar ideias e visões tão diferentes – e ricas – e encontrar soluções que não seriam possíveis se todos tivessem vivências parecidas” (DOMICIANO, 2017). Então, porque a sociedade como um todo, não se dispõe a aceitar e apoiar as mulheres sem as distinguir dos homens?

As mulheres sempre foram estereotipadas e obrigadas a viver, segundo uma sociedade, que na maioria das vezes é machista e tóxica. Enfrentam dilemas que não deveriam ser normais, mas acabam sendo determinantes para o seu desenvolvimento pessoal e profissional na sociedade. “A diferença de remuneração entre homens e mulheres, no exercício do mesmo trabalho e da mesma função e as dificuldades de acesso aos cargos mais elevados e de maior prestígio nas organizações, é uma dessas realidades” (OAB, 2009).

Para se delinear uma solução, se faz necessário identificar as causas desse problema. Tudo o que a fase adulta reflete, vem sendo criado desde o seu

nascimento. Os pais são responsáveis pela educação inicial das crianças. Quando um pai ou uma mãe diferencia o que é coisa de menino ou coisa de menina, o que eles podem usar, brincar ou até mesmo, as atividades domésticas de cada um, já está sendo 'machista'. Eles estão dando os mesmos ensinamentos que a sociedade dissemina (BELMIRO, 2020). Isso se dá desde a infância, passando pela adolescência, evidenciando na fase adulta, ou seja, os meninos aprendem desde criança o que eles podem ou não fazer, para não serem chamados, por exemplo, de 'mulherzinha'. Segundo Moda (2019):

Durante toda a nossa vida, ouvimos histórias de homens que cometeram atitudes terríveis contra as pessoas pelas quais eles mais deveriam nutrir respeito: suas companheiras e sua família. São traições, mentiras, agressões psicológicas e verbais e muitos outros comportamentos que a sociedade tende a naturalizar: são as chamadas 'coisas de homem'. (MODA, 2019)

Em geral, um menino vem ao mundo e desde o seu nascimento, é rotulado como 'macho'. A partir daí, começa-se a discriminação por elementos simples, como uma cor rosa, mas que os pais não usam, pois decretam que é uma cor feminina.

Ao chegar na infância, recebem estímulos e brinquedos diferentes, que os separam da mulher (CONSUMIDOR MODERNO, 2018). Esses estímulos vêm desde uma bola ou um carrinho, até mesmo, a frase clichê: 'Menino não chora.' Entretanto, os pais e a sociedade se esquecem, que tanto o menino quanto a menina, passam por dores, decepções e desilusões desde o início da sua vida.

Chegando à adolescência, isso fica ainda mais prejudicial e visível. O menino recebe a imposição de 'garanhão', ou seja, ele pode e deve obrigatoriamente, ficar com o máximo de meninas possíveis. Já a menina, é taxada como reclusa e é proibida de agir de maneira igual ao menino, mesmo tendo a mesma idade, ela assim procede, não é 'bem quista' pela sociedade (MODA, 2019).

A fase adulta chega e as consequências acabam sendo ainda piores. Grande parte dos homens se sentem poderosos e donos das mulheres (MODA, 2019), podendo fazer o que eles quiserem e elas tem que aceitar, segundo a visão machista deles. A relação com o mercado de trabalho não alivia, acaba discriminando ainda mais a mulher, com baixos salários e empregos desvalorizados.

Os resquícios criados pelos primórdios do tempo, ainda não foram totalmente desfeitos. Hoje, muitas mulheres estão em cargos de liderança, são requisitadas, vistas como influência na sociedade, entretanto, muitas distinções ainda são feitas, como por exemplo: salários desiguais, menos promoções, menor valorização, desigualdade de gênero, machismo (DOMICIANO, 2017).

Se se deseja uma sociedade mais igualitária, precisamos começar do berço. Os pais precisam criar os seus filhos em consenso, ambos tendo os mesmos direitos e privilégios, o inverso do que acontece na grande maioria da sociedade (DENTRO

DA HISTÓRIA, 2019). Vale ressaltar que o mercado de trabalho, segue o mesmo padrão estipulado pela criação dos pais, pelas escolas e pela sociedade. Não existe um culpado, existe um círculo de desigualdade, criado no início dos tempo e que veio passando de geração em geração. O futuro não pode ser mudado, se o presente não for consertado. Só poderemos viver em uma sociedade justa e igualitária, se começarmos o quanto antes, mostrando a importância e os direitos da mulher como cidadã.

As consequências do machismo podem chegar à violência doméstica e ao feminicídio.

A violência praticada contra a mulher, nas diferentes formas como se apresenta hoje, no Brasil e no mundo, em especial aquela que ocorre no ambiente doméstico e familiar, é, sobretudo, consequência da evolução histórica de hábitos culturais fundamentados em discursos patriarcais. Assim inferem muitos profissionais de diferentes áreas de atuação, bem como acadêmicos e agentes políticos que atuam no combate à violência doméstica e de gênero. (PJERJ, 2016)

Segundo Reif (2020), “[...] violência doméstica é qualquer tipo de abuso que ocorre no ambiente doméstico ou familiar, seja ele físico, psicológico, sexual, moral ou patrimonial.”

Já de acordo com Rodrigues (2016):

“A violência doméstica contra a mulher é uma falta de consciência social, totalmente absurda que sempre existiu, fazer uso da força para obrigar outra pessoa a fazer algo que não está com vontade, ameaçar, espancar e lesionar. É um meio de coagir submeter outra pessoa a seu domínio é identificada como violação dos direitos humanos.”

Visando prevenir e punir a violência doméstica, houve a criação da Lei Maria da Penha - Lei Nº 11.340, a qual presta homenagem à história de vida da farmacêutica Maria Penha Maia Fernandes, casada com um professor universitário que tentou assassiná-la mais de uma vez (RODRIGUES, 2016). Apesar desta referir-se a agressão física extrema, a referida lei não se limita a abusos dirigidos ao corpo da mulher, essa também contempla violência psicológica, moral, sexual e patrimonial (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2019).

Para que uma ação seja realizada, precisamos entender o que está ocorrendo, e assim, buscar contribuir com a elaboração de uma solução, para resolver o problema em questão. Somente é possível resolver um problema quando este é reconhecido. Logo, para se combater o machismo existente na sociedade, faz-se necessário, reconhecer a masculinidade como tóxica.

“Masculinidade tóxica [...] é o ideal cultural da masculinidade, onde a força é tudo, enquanto as emoções são uma fraqueza; sexo e brutalidade são padrões pelos quais os homens são avaliados, enquanto traços supostamente ‘femininos’ – que podem variar de vulnerabilidade emocional a simplesmente não serem hipersexuais –

são os meios pelos quais seu status como 'homem' pode ser removido. Alguns dos efeitos da masculinidade tóxica estão a supressão de sentimentos, encorajamento da violência, falta de incentivo em procurar ajuda, até coisas ainda mais graves, como perpetuação encorajamento de estupro, homofobia, misoginia e racismo" (GELEDÉS, 2017).

Esse abuso precisa ser evidenciado como um ato contra à saúde física e mental do homem, com reflexos sobre a mulher, família e toda a sociedade. O erro é impor diretrizes desde a concepção dos seus indivíduos. Um menino e uma menina são iguais perante as leis, no entanto, são tratados de maneiras diferentes, pelas pessoas à sua volta.

A sociedade criou as famosas expressões: 'coisa de menino', 'coisa de menina'. É preciso desmistificar isso e mostrar que não existe uma separação entre o que um pode ou não fazer. Uma forma simples de diminuir isso, seria os pais não impedirem que meninos e meninas brincassem juntos e muito menos, que houvesse uma separação dos brinquedos (DENTRO DA HISTÓRIA, 2019). Outras formas já usadas são os grupos de reflexão¹ e cursos.

"Os grupos de apoio² são reuniões organizadas por pessoas que passam por situações parecidas em suas vidas. Um grande ganho em participar deste tipo de encontro é poder se espelhar em pessoas que já tiveram sucesso enfrentando as mesmas dificuldades, além de poder compartilhar suas experiências, medos e ansiedades. Os grupos de apoio podem ser mistos entre pacientes e familiares, ou focados em um ou outro atendimento" (SCANDALO, 2019?).

Os cursos de reeducação para agressor doméstico, com vistas ao combate à masculinidade tóxica de forma complementar às atividades de grupos de apoio são inclusive previstos na lei 13.984/2020 - alteração do artigo 22 da Lei Maria da Penha e tem como finalidade, fazer o agressor frequentar centros de educação, centros de reabilitação, e centros de acompanhamento psicossocial, adicionadas como medidas protetivas de caráter urgente.

Os cursos usados nas iniciativas de apoio em grupo podem aplicar as Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs. Segundo Bento e Belchior (2016), sobre o uso dos recursos midiáticos na educação: "[...] as tecnologias contribuem para desenvolver o raciocínio, a análise crítica e interpretação de dados, e produzir,

¹ [...] "são espaços de escuta e reflexão, levando-os a um processo de auto responsabilização; e a medida em que diversas questões vão sendo trabalhadas (masculinidades, gênero, comunicação não-violenta), acontece o processo de reeducação e de verdadeira transformação, ao contrário do que aconteceria se houvesse apenas o decreto de prisão nos casos de violência doméstica como medida punitiva. (RIBEIRO; VIEIRA; FARIA, 2020)"

² Há grupos de apoio voltados especificamente para a Masculinidade Tóxica, a exemplo do citado por Chaves (2019). No condado de Embu, no Quênia, pacientes que vivem com doenças crônicas, incluindo epilepsia, formaram grupos de apoio nos quais podem criar vínculos com outros pacientes com condições semelhantes e se encorajar mutuamente em suas jornadas de tratamento. Ver: <https://www.instagram.com/p/CMBCOwVAmWO/?igshid=1arduwy3mzcz1>

criar, e recriar conhecimentos. Este recurso ao ser utilizado desperta a atenção dos alunos [...]”.

Sendo assim, a utilização de um curso online, vem disseminar e favorecer o uso dessas tecnologias. Segundo Rafael Lacerda, Mestre em Educação e CEO da RALEDOC: “As tecnologias estão aí para apoiar uma cultura de aprendizagem [...], garantindo a aderência ao contexto moderno” (RALEDUC, 2016).

Segundo Dotta *et al.* (2012), a metodologia INTERA desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa INTERA (Inteligência em Tecnologias Educacionais e Recursos Acessíveis), da Universidade Federal do ABC, sugere que o desenvolvimento de um objeto de aprendizagem se realize em oito etapas: (i) Contextualização; (ii) Requisitos; (iii) Arquitetura; (iv) Desenvolvimento; (v) Testes; (vi) Disponibilização; (vii) Avaliação; (viii) Gestão de Projetos.

A (i) Contextualização é destinada a prever a faixa etária e quantidade de cursistas e se possuem conhecimento prévio sobre o assunto, linguagem a aplicar, se haverá pessoas que gerencie as interações e dúvidas – mediadores e a infraestrutura como rede, ferramenta de webconferência, ambiente virtual de aprendizagem; Na fase de (ii) Requisitos objetiva-se coletar e analisar todos os possíveis requisitos necessários para a elaboração das aulas, sejam eles funcionais ou didático-pedagógicos, como, por exemplo, a elaboração de textos, de artefatos digitais, a necessidade de se criar atividades de estudos ou de avaliação, a necessidade de se estabelecer comunicação entre professor-cursista, o que decorre da necessidade de se implementar ferramentas de comunicação e assim por diante. A (iii) arquitetura corresponde ao momento de desenhar e esboçar as aulas virtuais: temática, rascunhar slides, elaborar *storyboards*, roteiros, eleger materiais multimídia para reforçar ou ilustrar o conteúdo, propor atividades, esclarecer a forma de avaliação entre outras. O (iv) Desenvolvimento é destinado à fase de confecção e elaboração das aulas. Nos (v) Testes o objetivo é antecipar eventuais problemas técnicos e/ou funcionais nos artefatos produzidos. Na (vi) Disponibilização no intuito de publicar o conteúdo em algum repositório, como por exemplo, em ambiente virtual de aprendizagem. A (vii) Avaliação refere-se a observação e análise se os objetivos de aprendizagem proposto pelo objeto de aprendizagem foram alcançados. A última etapa é a de (viii) Gestão de projetos cujo objetivo é a elaboração e cumprimento do cronograma e a gestão de custos e da equipe envolvida. (DOTTA, et al., 2012)

O objetivo deste trabalho é realizar uma revisão sistemática para identificar que elementos do contexto, requisitos e arquitetura, conforme metodologia INTERA de desenvolvimento de curso online voltado para a reeducação de autores de agressão doméstica.

Para tanto, como dito, será aplicada a revisão sistemática de literatura (RSL). Voresgau (2014) afirma que: “Os estudos de revisão consistem em organizar, esclarecer e resumir as principais obras existentes, bem como fornecer citações completas abrangendo o espectro de literatura relevante em uma área. As revisões de literatura podem apresentar uma revisão para fornecer um panorama histórico sobre um tema ou assunto considerando as publicações em um campo. Muitas

vezes uma análise das publicações pode contribuir na reformulação histórica do diálogo acadêmico por apresentar uma nova direção, configuração e encaminhamentos.”

Já segundo Koller (2014):

“Diferentemente de uma revisão convencional³, o processo de busca na revisão sistemática deve obedecer alguns procedimentos cuidadosos. Em primeiro lugar, a string utilizada deve ser documentada, bem como o número de artigos incluídos e excluídos.”

Quando se utiliza uma revisão sistemática como base, considera-se que essa pesquisa tem qualidade, pois houve uma rica coleta de dados com seus pontos positivos e muita das vezes negativos, sobre um determinado assunto.

“É uma modalidade de pesquisa, que segue protocolos específicos, e que busca entender e dar alguma logicidade a um grande corpus documental, especialmente, verificando o que funciona e o que não funciona num dado contexto. Está focada no seu caráter de reprodutibilidade por outros pesquisadores, apresentando de forma explícita as bases de dados bibliográficos que foram consultadas, as estratégias de busca empregadas em cada base, o processo de seleção dos artigos científicos, os critérios de inclusão e exclusão dos artigos e o processo de análise de cada artigo. Explicita ainda as limitações de cada artigo analisado, bem como as limitações da própria revisão. De forma geral, a revisão de literatura sistemática possui alto nível de evidência e se constitui em um importante documento para tomada de decisão nos contextos públicos e privados.” (LOGEION, 2019)

Uma revisão sistemática é caracterizada por mostrar o passo a passo de todas as operações realizadas no seu experimento. Quando ocorre esse tipo de divulgação, dizemos que estamos perante uma revisão sistemática, pois possibilita que outros pesquisadores consigam repetir os passos e até mesmo gerar alterações para o mesmo. (Galvão, 2014)

No Capítulo 2 será apresentada a Masculinidade Tóxica, a aplicação de recursos web para a educação será descrita no Capítulo 3, em seguida serão abordadas as metodologias utilizadas na pesquisa no capítulo 4, e por fim os resultados obtidos serão almejados no capítulo 5.

³ Também denominada revisão bibliográfica.

2

Masculinidade Tóxica

A masculinidade tóxica é um dos principais males da sociedade. Destrói lares e famílias. Aqueles que são afetados pela toxicidade, precisam entender que as mulheres não são objetos ou brinquedos e para compreender a masculinidade tóxica, visando combatê-la, antes é preciso entender o que é o machismo.

A ideologia machista está presente na sociedade desde a antiguidade e define as mulheres como uma 'submissa', 'objeto' para os homens. O machismo pode ser definido como uma distinção entre os direitos dos homens e das mulheres, onde a sociedade acaba privilegiando os homens. No mundo machista, os homens são supervalorizados e tidos como prioridade.

O machismo possui muitas atitudes equivocadas, que na maioria das vezes é tida pelos homens sobre si mesmos como sendo superiores, ou seja, é um comportamento que não reflete a realidade presente no psicológico deles.

"O machismo é um preconceito, expresso por opiniões e atitudes, que se opõe à igualdade de direitos entre os gêneros, favorecendo o gênero masculino em detrimento ao feminino. Ou seja, é uma opressão, nas suas mais diversas formas, das mulheres feita pelos homens. Na prática, uma pessoa machista é aquela que acredita que homens e mulheres têm papéis distintos na sociedade, que a mulher não pode ou não deve se portar e ter os mesmo direitos de um homem ou que julga a mulher como inferior ao homem em aspectos físicos, intelectuais e sociais (MOYA, 2019)."

Como vivemos em uma sociedade machista, tanto homens quanto mulheres aprendem desde crianças a seguirem alguns padrões da sociedade, e quando se distanciam disso, são criticados e podem acabar sendo machistas mesmo sem saberem que estão sendo.

"O machismo sofrido pelas mulheres é muito mais escancarado, mas nem todo mundo sabe que o machismo também afeta os homens e pode gerar um complexo de inferioridade em relação às características exaltadas pelo sistema patriarcal e a masculinidade hegemônica. Alguns exemplos são essas ideias de que os homens não podem chorar ou demonstrar medo e outros sentimentos, a fertilidade como demonstração de masculinidade e

virilidade, dentre outros aspectos daquilo que hoje também chamam de masculinidade tóxica (LATORRE, 2020).”

A masculinidade tóxica é proveniente do machismo. Uma visão estereotipada do que é ser ‘homem’ na sociedade (BRAGA, 2018).

“A expressão ‘masculinidade tóxica’ é simples e direta e o senso comum conseguiu se apropriar dela com facilidade, abrindo espaço para que o debate crítico feito no campo das políticas públicas sobre os prejuízos individuais e sociais causados pelo machismo alcance a população que é de fato afetada e que, diante dessa última expressão (machismo), muitas vezes fica defensiva devido a compreensões enrijecidas sobre o termo (STEVANIM, 2019).”

Podemos perceber a masculinidade tóxica presente em frases como: ‘Não chore.’; ‘Não seja fraco.’; ‘Seja homem.’, frases que as crianças escutam desde a infância, e que na maioria das vezes são meninos e por não seguirem os ditos ‘padrões’, são chamadas de ‘menininhas’.

“Nos ideais da masculinidade tóxica, um homem que cuida da saúde e da aparência não é “macho” o suficiente. Isso se reflete em doenças causadas pela falta de higiene íntima e nos altos índices de morte por câncer de próstata que ainda temos no Brasil, pois muitos pacientes demoram para realizar o exame, impedindo um diagnóstico precoce. De acordo com a pesquisa do Brand Lab, 49% dos homens só discutem cuidados pessoais quando questionados sobre o assunto, e nunca tomam a iniciativa.

Essa tradição se estende à saúde mental: mais da metade dos homens consultados foram chamados de “gay” ou “afeminado” ao expressarem um sentimento. Num contexto como o nosso, em que o machismo também se soma à homofobia, essas denominações ganham um tom pejorativo, e muitos homens se sentem desestimulados a procurar ajuda em casos de depressão, por exemplo. Não é surpreendente, portanto, a taxa de suicídio 4 vezes maior entre eles do que entre as mulheres (BRAGA, 2018).”

Segundo Paula e Rocha (2019), apesar de notar-se atualmente um repúdio a atitudes machistas, iniciativas para conscientizar os homens quanto às causas dessas ainda são insuficientes.

“Ainda assim, grande parte dos homens mantém sintomas de uma masculinidade tóxica, que os impede de abandonar os comportamentos que antes os definia e abraçar novas possibilidades de existência. As altas taxas de feminicídios evidenciam que muitos desses homens não só não se desprenderam da personalidade cristalizada, como também não aceitam perder o antigo espaço de domínio e da esfera pública para elas, sentindo-se ameaçados, e resolvendo tal conflito da forma como muitas vezes são ensinados desde pequenos, utilizando-se de violência” (SANTOS, 2010, apud PAULA e ROCHA, 2019).

Conforme Estevans (2017), baseada no documentário "Precisamos Falar com os Homens? — Uma jornada pela igualdade de gênero": 77% dos homens se

preocupam com a aparência, mas não falam sobre isso, 56,5% dos homens gostariam de ter uma relação mais próxima com amigos, expressando mais afeto e podendo falar sobre sentimentos e dúvidas, 54% dos homens gostariam de ter mais liberdade para explorar hobbies, talentos e opções de carreira pouco usuais, sem serem julgados como frouxos ou pouco ambiciosos e 44% dos homens sentem pressão por serem responsáveis pelo sustento da casa, mas não falam sobre isso.

Observa-se desta maneira, que o modelo de masculinidade predominante é tóxico e se reflete em prejuízos também para os homens. Há uma prisão cultural que limita a ação e expressão de homens e meninos, gerando tensões que passam a fazer parte da realidade masculina. Ver Figura 1.

Figura 1: Imposições Culturais que Aprisionam os Homens



Fonte: Estevans (2017)

“A caixa dos homens é entendida como uma receita cultural de como os homens devem ser, agir, sentir e falar” (ESTEVANS, 2017). Ver Figura 2.

Figura 2: A “Caixa dos Homens”



Fonte: Estevans (2017)

Na Figura 3 podem ser observados julgamentos que os homens podem sofrer ao optarem por profissões consideradas “de meninas”, ou falarem sobre seus sentimentos, ou ao desejarem cuidar da aparência.

Figura 3: Expressões de Construção da Masculinidade Tóxica



Fonte: Estevans (2017)

Desta forma, sendo de interesse da sociedade combater feminicídios, violência doméstica e tantos outros efeitos do machismo, é preciso superar a masculinidade tóxica.

Segundo o Ministério Público (2012), corresponde a um mito sobre violência doméstica: ‘Para acabar com a violência basta proteger as vítimas e punir os agressores.’. E conclui: “É necessário um processo educativo voltado à infância, para que as relações entre homens e mulheres sejam construídas, desde muito cedo, sem

componentes de agressão para obtenção e manutenção do poder. É necessário também proteger as mulheres vitimizadas.”

Para tanto, segundo Paula e Rocha (2019): “Os chamados grupos reflexivos, criados para se repensar essas masculinidades tóxicas [...] já se mostraram eficazes nos estados nos quais são aplicados, refletindo numa baixa taxa de reincidência de agressões pelos seus participantes.”

São temas a serem abordados nas iniciativas de reeducação:

1. Contextualização da Masculinidade Tóxica: efeitos de uma cultura que reprime sentimentos, estimula a violência
2. Você tem Masculinidade Tóxica? - Com base na obra “Vamos falar de masculinidade: 100 perguntas para refletir sobre o que é ser homem hoje”, de autoria de Brotherhood e Oliveira (2020), Matrix Editora.
3. Tipos de Violência, Infrações mais Comuns e Mitos
4. Discussão dos temas da Caixa do Homem - 1. Aptidões Físicas: fisicamente apto, forte, ativo, sabe se defender, aguenta o tranco, competitivo, dominante em relação à mulher
5. Discussão dos temas da Caixa do Homem - 2. No Campo Sexual: heterossexual, no controle, ativo, sexualmente experiente, prontidão sexual, sexualmente impositivo, competitivo (mulheres como troféus), dominante em relação à mulher
6. Discussão dos temas da Caixa do Homem - 3. Habilidades Socioemocionais: corajoso, forte, ativo, fala firme, não demonstra emoções, sabe se defender, não chora, impositivo, não desiste, aguenta o tranco, competitivo, dominante em relação à mulher
7. Discussão dos temas da Caixa do Homem - 4. Habilidades de Comunicação: no controle, fala firme, sabe se defender, impositivo, competitivo, dominante em relação à mulher
8. Discussão dos temas da Caixa do Homem - 5. Infalibilidade inclusive econômica: corajoso, forte, no controle, ativo, trabalhador, provedor, não comete erros, não desiste, aguenta o tranco, competitivo, bem sucedido, dominante em relação à mulher
9. Educação Sexual
10. Educação Socioemocional
11. Comunicação Compassiva
12. Educação para a Paz
13. Empreendedorismo
14. Políticas Públicas de Enfrentamento da Violência Doméstica. Serviços de Defesa da Mulher

A reeducação pode ocorrer por meio de grupos de apoio ou cursos. Os grupos de apoio, segundo Scandalo (2019?) adotam como dinâmica de trabalho encontros que reúnem pessoas que vivenciaram situações de vida semelhantes. Trata-se de uma maneira de fortalecer e motivar indivíduos a tentarem novas formas de abordarem seus problemas.

“Pesquisadores vêm demonstrando resultados satisfatórios com a implementação de grupos de apoio em diversas condições de repercussão na saúde, tais quais: doença de Alzheimer e seu impacto no paciente e família; síndrome de imunodeficiência adquirida; câncer; vítimas de abuso sexual de parentes; dor crônica, entre outros (MORETTI; ZUCCHI, 2010).”

Outra forma de reeducação são os cursos, podendo ser autoinstrucional ou acompanhamento de tutor, online, presencial ou híbrido - com encontros presenciais e à distância, ou atividades síncronas e assíncronas. Nos cursos autoinstrucionais, é daqueles que passam por eles”, respeitado o ritmo de aprendizagem e sua disponibilidade de tempo dos alunos.

“Ao considerar a importância do trabalho em grupo como estratégia de interação em espaços eletrônicos de aprendizagem, a relação inter e intrapessoal podem dar-se por meio de mensagens que cada aluno constrói para a elaboração das tarefas propostas pelo professor-orientador. Tais tarefas devem traduzir-se em resultados de aprendizagem e de (re)elaboração dos conhecimentos que foram anteriormente apresentados (INOCÊNCIO E CAVALCANTI, 2005)”.

Podem ser implementados em um curso online tendo como características, a flexibilidade e a praticidade para ser realizado. Isso se dá pelo fato dos alunos não precisarem estar presente no local da aula e poder assistir as aulas, durante o seu tempo disponível. Essa modalidade ganhou muitos adeptos nos últimos anos, pois tem dado a possibilidade de pessoas que não tem tempo de se locomover até um local de ensino, poder estudar de casa ou de qualquer local que ela esteja, o que torna-o popular, com isso, ela só tende a crescer cada vez mais e possuir mais adeptos. (COIMBRA et al., 2022c)

3

TICs na Educação

A tecnologia vem se tornando um item essencial em nossas vidas. Sua constante ascensão fez com que ela se tornasse imprescindível em muitas áreas, e isso não podia deixar de acontecer com a área da educação. A educação é a base fundamental para uma sociedade mais consciente, por isso, seus usuários devem e precisam estar preparados para as mudanças que possam ocorrer.

O avanço das tecnologias possibilitou a evolução das ferramentas utilizadas para disseminar um conteúdo, tanto em sala de aula, quanto através da internet. Vale ressaltar que, cada vez mais, novas ferramentas são criadas, cada uma tendo um propósito específico.

“A informática na educação no Brasil teve seu marco inicial nas décadas de 70 e 80 do século passado, quando começaram as discussões sobre o uso do computador no processo educacional por meio de pesquisas desenvolvidas na área e de iniciativas governamentais que incentivaram o uso de computadores no contexto da sala de aula” (SILVA, 2021).

O papel da tecnologia na educação deve ser voltado para os benefícios que ela pode trazer e como pode melhorar o ensino-aprendizagem das pessoas. Entre eles podemos citar: maior quantidade de materiais gratuitos disponíveis; grande quantidade de conteúdos lúdicos; possibilidade de estudar em qualquer momento e em qualquer lugar, desde que tenha internet, a depender da ferramenta que seja utilizada, respeito ao ritmo de aprendizagem do aluno, aplicação de recursos motivadores e de estímulo ao engajamento, dentre outros.

A internet por sua vez é um dos meios de comunicação mais democráticos, de fácil acesso, de uso simples e prático, que possibilita uma maior integração e socialização entre as pessoas. Ela permite que o tempo de espera para uma resposta seja menor do que o método tradicional, utilizando-a como um recurso didático, aumentando o interesse do seu público alvo.

“A internet atinge cada vez mais o sistema educacional, a escola, enquanto instituição social é convocada a atender de modo satisfatório às exigências da modernidade, seu papel é propiciar esses conhecimentos e habilidades necessários ao educando para

que ele exerça integralmente a sua cidadania, construindo assim uma relação do homem com a natureza, é o esforço humano em criar instrumentos que superem as dificuldades das barreiras naturais. As redes são utilizadas para romper as barreiras impostas pelas paredes das escolas, tornando possível ao professor e ao aluno conhecer e lidar com um mundo diferente a partir de culturas e realidades ainda desconhecidas, a partir de trocas de experiências e de trabalhos colaborativos (RAMOS, c2021).”

Segundo o Global Digital Report 2019 da “We Are Social”⁴, o Brasil possui 70% da sua população conectada à internet, contra 57% da grande população mundial.

O uso de tecnologias na educação é uma forma de inovação, que proporciona um ensino mais dinâmico, atraente e participativo para todos os *stakeholders*. Alguns métodos utilizados, aplicam-se desde gamificação, Internet das Coisas, ou até mesmo inteligência artificial, onde se amplia as possibilidades de ensinar um conteúdo (NAVE À VELA, 2019).

Existe uma grande variedade de práticas educacionais, que podem ser desenvolvidas através da internet, além do básico como pesquisas e páginas pessoais que contêm os dados das instituições, podemos citar: grupos de estudo, aplicativos específicos para uma determinada área, vídeos educativos, sites de ensino e até mesmo jogos educativos (PORTABILIS, c2021).

Além das práticas citadas acima, uma ferramenta que pode ajudar bastante, é o uso de plataformas de ensino adaptativo. Segundo Bleal (2018):

“[...] têm a capacidade de personalizar a aprendizagem. Elas usam sistemas inteligentes para, a partir das interações com os alunos, perceberem suas dificuldades e se ajustarem às suas necessidades. Assim, à medida que um aluno demonstra que já dominou determinados conceitos, a plataforma de ensino adaptativo interpreta essa informação e considera esse conteúdo finalizado. Por outro lado, se ele demonstra por meio de seus erros que ainda não compreendeu determinados conceitos, a plataforma o ajuda. Ela passa a sugerir conteúdos (videoaulas, animações, textos) para que ele compreenda o tópico e traz atividades com dificuldade progressiva, para que ele se aproprie do conceito. No entanto, a eficácia dessas plataformas depende da capacidade dos alunos de assimilarem os conceitos apresentados “sozinhos”. A baixa competência leitora, por exemplo, pode impedir que o estudante compreenda conceitos ou conteúdos disponibilizados por esse recurso.”

Segundo Hotmart (2018) existem onze tecnologias fundamentais para quem dá aula online, de modo a oferecer conteúdos práticos e de qualidade. Eles são: fórum de discussão; quiz; infográfico; vídeos; ebook; template; webinar; live; redes sociais; blog; e podcast.

⁴ <https://www.smeducacao.com.br/> - Projeto educativo e cultural.

“O uso da informática na educação implica em novas formas de comunicar, de pensar, ensinar/aprender, ajuda aqueles que estão com a aprendizagem muito aquém da esperada. A informática na escola não deve ser concebida ou se resumir a disciplina do currículo, e sim deve ser vista e utilizada como um recurso para auxiliar o professor na integração dos conteúdos curriculares, sua finalidade não se encerra nas técnicas de digitações e em conceitos básico de funcionamento do computador, a tudo um leque de oportunidades que deve ser explorado por aluno e professores (RAMOS, c2021).”

Além das ferramentas pedagógicas citadas, o uso de blogs tem crescido muito. Atualmente contamos com uma série de sites informativos, voltados exclusivamente para a educação. Segundo SM Educação (2020) os cinco principais blogs voltados para educação são: SM Educação⁵; Portal do Educador⁶; Instituto Internacional de Educação do Brasil⁷; Portal Porvir⁸; e Oficina de Educação⁹.

O Distrito Edtech Report 2020, catalogou as 10 principais startups voltadas para o ensino, que são apresentadas na Figura 4.

Figura 4: 10 Startups Voltadas para Educação



Fonte: HARDT (2020)

Startups e blogs voltados para a educação podem fazer uso de software educação, site informações ou sistemas web de educação.

Um recurso tecnológico com objetivo educacional, seja web, mobile, informacional, deve “[...] auxiliar no processo de ensino-aprendizagem ou de autoaprendizagem... uma relação entre a proposta pedagógica, decisões de design e processos de aprendizagem” (SILVA, 2021).

⁵ <https://portaleducadores.com.br/> - Cursos para educadores.

⁶ <https://iieb.org.br/> - Formação e capacitação.

⁷ <https://porvir.org/> - Notícias da educação, metodologias e formação de professores.

⁸ <http://of2edu.blogspot.com/> - Dicas para professores.

⁹ Sabe-se que na literatura há distinção entre educativo e educacional. “O software educativo é um conjunto de recursos informáticos projetados com a intenção de serem usados em contexto de ensino e aprendizagem” (SANCHO, 1998, p. 169). Já um software educacional “produto [...] adequadamente utilizado pela escola, mesmo que não tenha sido produzido com a finalidade de uso no sistema escolar” (OLIVEIRA, 2001, p. 73). Neste são adotados os dois termos como sinônimos de produto/curso voltado para a educação.

Segundo Hardt, as dez principais tecnologias para o ensino online para 2021 são: e-learning; profissionalização do ensino online (plataformas); aprendizado contínuo; data analytics para educação; conteúdo educativo online - gamificação, realidade virtual e aumentada.

“Ao contrário do que grande parte da sociedade pensa, os recursos tecnológicos não foram implantados nas escolas para facilitar o trabalho dos educadores, mas para que o educando aprendesse a partir da realidade do mundo e principalmente para que esse indivíduo consiga então agir sobre essa realidade, transformando-a e assim transformando a si próprio. Todo e qualquer conhecimento implica uma série de ações, e todo indivíduo deve agir sobre o objeto do conhecimento para que se torne possível reconstruí-lo e até mesmo ressignificá-lo (RAMOS, c2021).”

Em paralelo tem-se os grupos reflexivos propostos para justiça terapêutica¹⁰ voltado para autores de violência doméstica, sobre os quais, Sardeiro (2019) *apud* Ribeiro, Viera e Faria (2020):

“[...] realizou um estudo objetivando avaliar o grau de assertividade dos grupos reflexivos com homens autores de violência doméstica e pode-se confiabilizar resultados positivos quanto a atuação da justiça terapêutica. Através do método dedutivo e procedimento monográfico, a pesquisa qualitativa, confirmou que os grupos reflexivos, são capazes de conscientizar os homens agressores de seus atos e danos causados, e conseqüentemente, minimizam os prejuízos sofridos pelas vítimas de violência. Assim, reforça a importância de se investir recursos financeiros para manter e ampliar programas como estes grupos.”

O presente trabalho volta-se para a citada necessidade de ampliação dos grupos reflexivos voltados para homens autores de violência doméstica, ao propor que a implementação desses ocorra por meio de cursos online, cujas vantagens foram nesse capítulo contempladas.

¹⁰ No contexto do autor violência doméstica, pode ser entendida como “[...] recuperação da saúde do infrator usuário, que busca a reeducação e reinserção na sociedade, além de apresentar para o Estado um custo financeiro reduzido (RIBEIRO; VIERA; FARIA, 2020).”

4

Metodologia de Pesquisa

No presente trabalho foi adotado como metodologia de pesquisa a Revisão Sistemática de Literatura, ou RSL.

Quando se investiga um tema em específico, depara-se com vários materiais, sejam físicos ou online. Dentre esses materiais existentes, muitas vezes ocorre de serem encontradas informações contraditórias.

Segundo Galvão (2014),

“[...] um caminho coerente para tentar esclarecer controvérsias é apoiar-se apenas nos estudos de melhor qualidade sobre o assunto. Partindo desse princípio, surgiu um novo delineamento de pesquisa: a revisão sistemática da literatura.”

A principal forma utilizada para realizar a fase inicial de qualquer pesquisa técnico científico é por meio de uma leitura abrangente em artigos e livros. Existem várias formas de revisão da literatura, a sistemática é uma das mais utilizadas e conceituadas para alcançar um resultado propenso ao sucesso da pesquisa.

“O processo de desenvolvimento desse tipo de estudo de revisão inclui caracterizar cada estudo selecionado, avaliar a qualidade deles, identificar conceitos importantes, comparar as análises estatísticas apresentadas e concluir sobre o que a literatura informa em relação a determinada intervenção, apontando ainda problemas/questões que necessitam de novos estudos.” (Sampaio e Mancini, 2007)

Como dito será adotado como metodologia de pesquisa a RSL. Segundo Falavigna (2018):

“Revisão sistemática é um tipo de revisão que se propõe a responder uma pergunta específica de forma objetiva e imparcial. Para isso utiliza métodos sistemáticos e definidos a priori na identificação e seleção dos estudos, extração dos dados e análise dos resultados.”

Sampaio e Mancini (2007) complementam:

“Boas revisões sistemáticas são recursos importantes ante o crescimento acelerado da informação científica. Esses estudos ajudam a sintetizar a evidência disponível na literatura sobre uma intervenção,

podendo auxiliar profissionais clínicos e pesquisadores no seu cotidiano de trabalho.“

Falavigna (2018) diz que revisão sistemática

“[...] é um método utilizado na avaliação de um conjunto de dados provenientes de diferentes estudos. Busca coletar toda a evidência empírica que se encaixa em critérios de elegibilidade pré-definidos, com o objetivo de responder uma questão específica. Utiliza métodos sistemáticos que são selecionados com o objetivo de minimizar vieses, assim fornecendo resultados mais confiáveis, com os quais conclusões podem ser feitas e decisões tomadas. [...]”

Já segundo DoityTeam (2018) a Revisão Sistemática é um processo no qual reúnem-se várias referências do mesmo contexto e tem como objetivo, coletar informações de vários autores e assim, realizar cálculos estatísticos.

Ainda segundo o mesmo autor, quando se pretende realizar uma revisão sistemática, o primeiro ponto a ser analisado é o objetivo do estudo. Dentro deste objetivo, quais são as palavras-chave, bases de pesquisa e critérios de seleção, que dão rumo ao estudo. A partir do momento que se tem essas palavras-chave, consegue-se ter um norte, uma trilha dos caminhos a serem percorridos. Essa é a etapa de **Planejamento**, Figura 5

Na fase de **Coleta**, com a definição do objetivo do assunto e as suas palavras-chave, bases e critérios elaborados, deve-se começar a realizar pesquisas concisas nas plataformas técnico-científicas mais conceituadas, ou seja, o que foi planejamento é aplicado.

São exemplos de bases científicas: *Scielo*, *Scopus*, *Web of Science*. Para ilustrar critérios de inclusão podem ser citados: artigos revisados por pares, escritos num dado idioma, num dados escopo temporal. Podem servir como critérios de exclusão: a indisponibilidade do artigo para leitura completa, o tratamento do assunto sob uma ótica que não agrega à investigação e artigos repetidos.

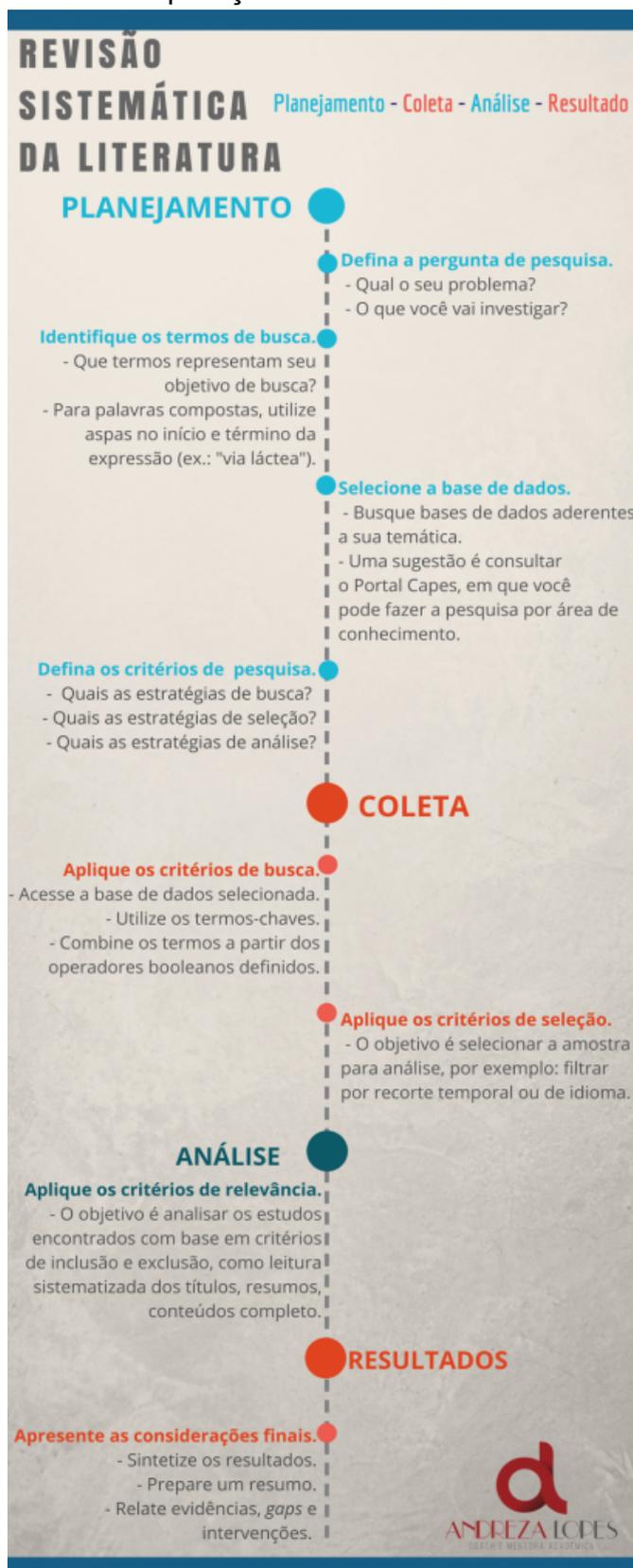
Nem todos os documentos encontrados durante uma pesquisa são relevantes; por isso, cabe ao pesquisador selecionar os que são relevantes para a sua pesquisa em desenvolvimento. Nessa fase, deve-se selecionar os arquivos que agregam algum valor para sua pesquisa usando inicialmente a leitura dos resumos dos artigos que resultam dos motores de busca de pesquisa, aplicando os critérios – de inclusão e de exclusão antes citados; seguido pela leitura dos artigos da íntegra e ainda preservando os critérios de seleção. Esta é a fase de **Análise**.

Na etapa de **Resultados**, são retirados os principais pontos dos arquivos coletados; deve-se fazer uma correlação entre o que está sendo pesquisado e os dados que foram coletados nos artigos, ou seja, aqueles que respondem alguma pergunta chave da pesquisa, caso contrário deve ser descartado. A partir desta também encontram-se evidências, lacunas e necessidades de intervenções que podem originar investigações científicas.

Há propostas de passos de RSL que dividem a fase de Planejamento em mais de uma e outras incluem uma fase após os Resultados voltada para melhoria e atualização das revisões, por meio da qual referências citadas nos artigos

selecionados e considerados relevantes são incluídos na seleção final. Logo, o número de fases do processo metodológico da Revisão Sistemática de Literatura varia.

Figura 5: Passos de Aplicação da Revisão Sistemática de Literatura



Fonte: Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico (c2020)

5

Aplicação da RSL

Considerando os passos metodológicos de aplicação da RSL, descritos no capítulo anterior, o objetivo de pesquisa foi delineado na Introdução, correspondendo a: elementos do contexto, requisitos e arquitetura, conforme metodologia INTERA de desenvolvimento de curso online voltado para a reeducação de autores de agressão doméstica.

5.1. Coleta

A string de busca foi: *“violência contra a mulher” e “grupo reflexivo”*. As bases selecionadas foram as do portal de periódicos CAPES.

Na busca inicial, obtida a partir da aplicação da string, foram identificados 24 artigos; com a aplicação do filtro ‘periódicos revisados por pares’, o número foi reduzido a 17; a definição do escopo temporal de 2012 a 2022 provocou a redução para 14; e quando selecionados os idiomas português ou inglês, foram obtidos 9.

A partir da leitura dos resumos foram excluídos 8 dos artigos selecionados. Um exemplo de artigo excluído intitula-se “Núcleo de atenção do homem como espaço de reconstrução de masculinidade agressiva”, o qual volta-se especificamente para as bases legais que sustentam a iniciativa de implantação dessa natureza.

Também serviram como critérios de exclusão: repetição de artigo, e o tratamento do assunto sob uma ótica que não agrega à investigação, a exemplo de artigos voltados para preparação de profissionais para atendimento às vítimas, e conscientização de autoridades para a importância do assunto.

A partir da leitura na íntegra do artigo selecionado, foram identificadas referências relevantes para a investigação, obtendo-se outros 4 artigos. Ver Quadro 1. Na análise desses buscou-se identificar: roteiros, carga horária, periodicidade da ação e objetivos almejados na justiça terapêutica de autores de violência doméstica.

Quadro 1: Trabalhos selecionados acerca de reeducação de autores de violência doméstica

Título	Autor	Ano
1 - Desconstruindo expectativas de gênero a partir de uma posição minoritária: como dialogar com homens autores de violência contra mulheres?	BILLAND, Jan; PAIVA, Vera	2016
2 - Grupos existenciais para conscientização de homens	PIMENTEL, Adelma.	2016
3 - Programa Basta: relatos e reflexões sobre a violência contra a mulher	SOUZA, José; et al.	2016
4 - Programas de atenção a homens autores de violência contra as mulheres: um panorama das intervenções no Brasil	BEIRAS, Adriano; NASCIMENTO, Marcos; INCROCCI, Caio.	2019
5 - Violência contra a mulher: experiência de profissionais e facilitadores de um grupo reflexivo de homens	PÊ, Felipe;GUEDES, Clarissa	2022

Fonte: Própria autoria

São conclusões dos artigos selecionados:

1. PIMENTEL (2016) – sobre grupo de reeducação “[...] ofereceu experiências de autocontato, de conscientização crítica e de escuta sem julgamentos. Os vínculos entre participantes e equipe favoreceram a expressão de emoções íntimas.”

2. BILLAND e PAIVA (2017) - Os resultados sugerem que é necessário dialogar com os homens (ou melhor, entre homens), para que ampliem sua consciência acerca do desencontro entre suas experiências pessoais e as expectativas que orientam suas relações com mulheres – ou ainda, precisamos criar espaços de socialização onde homens possam refletir sobre o fracasso dos seus projetos de felicidade (patriarcais), frustrados pelos ganhos de poder das mulheres.

3. SOUZA (2015) - sobre grupo de reeducação “[...] a reinserção social dos que são acompanhados pelo serviço e a redução da reincidência criminal.”

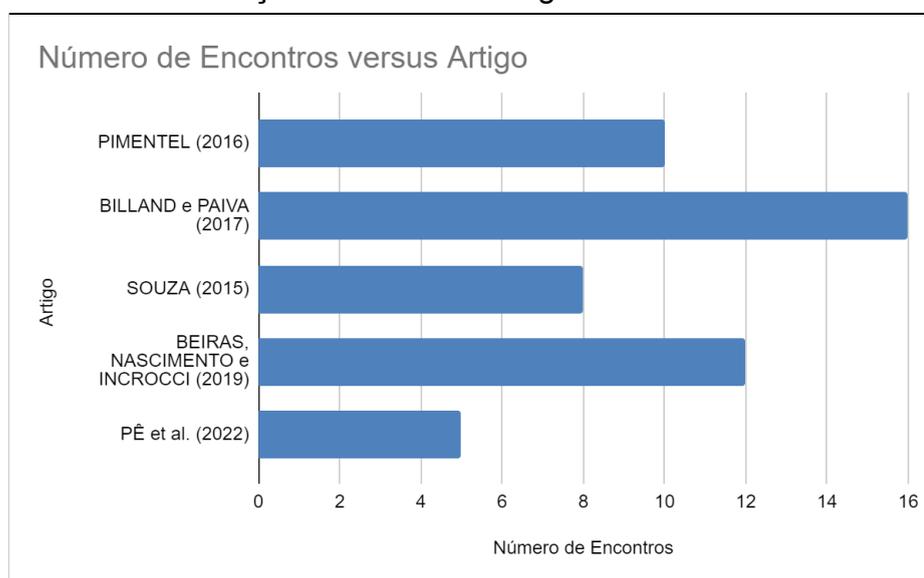
4. BEIRAS, NASCIMENTO e INCROCCI (2019) - sobre grupos de reeducação “[...] estudos possibilitaram a sistematização de experiências com foco nas abordagens metodológicas utilizadas, estabelecendo critérios e diretrizes para a orientação de serviços de atenção a partir de uma diversidade de perspectivas teóricas, adequando-se às legislações vigentes em cada localidade.”

5. PÊ et al. (2022) - “[...] o trabalho do grupo reflexivo pode contribuir com a transformação e reconstrução das masculinidades, visando a diminuição da violência contra mulher.”

5.2. Análise

A carga horária dos grupos reflexivos variaram entre 5 encontros (PÊ *et al.*, 2022) a 16 reuniões (BILLAND e PAIVA, 2017), Figura 6. Billand e Paiva (2017) e Souza (2015) relatam iniciativas com periodicidade semanal e PÊ *et al.* (2022), quinzenal. Souza (2015) sugere encontros com 1 hora de duração e Billand e Paiva (2017), de 2 horas.

Figura 6: Número de encontros nas iniciativas de reeducação de autores de agressão doméstica

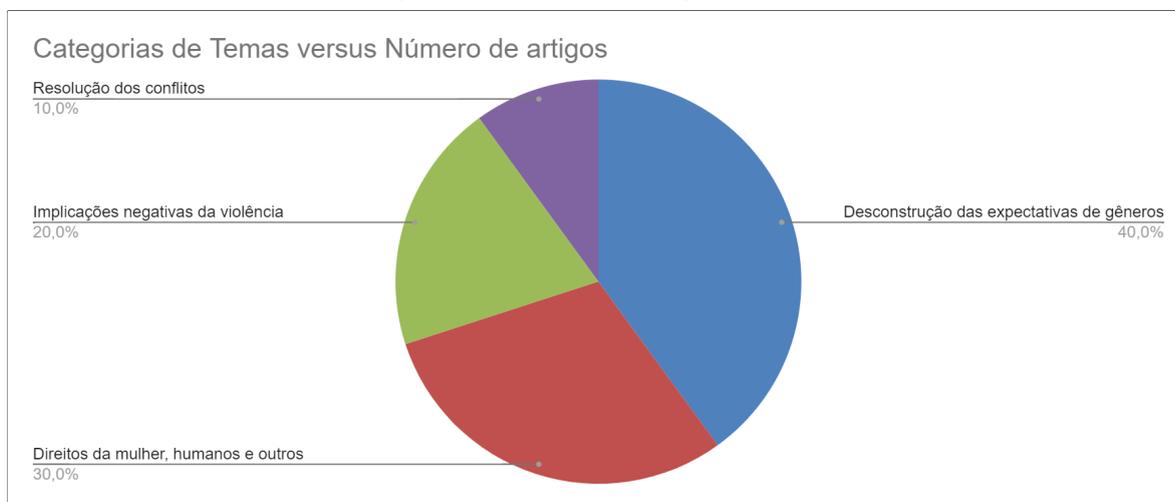


Fonte: Própria autoria

Os temas abordados nos grupos, Figura 7, foram categorizados em:

1. Desconstrução das expectativas de gêneros
2. Direitos da mulher, humanos e outros
3. Implicações negativas da violência
4. Resolução de conflitos

Figura 7: Percentual de ocorrências das categorias nas iniciativas de reeducação de autores de agressão doméstica



Fonte: Própria autoria

Sobre a ‘desconstrução das expectativas de gêneros’, categoria predominante, há relatos de discussão de temas como: modos do casal realizar escolhas (PIMENTEL, 2016), relação dos homens com suas companheiras (PÊ et al., 2022) e equidade de gêneros presente em grande parte, por exemplo.

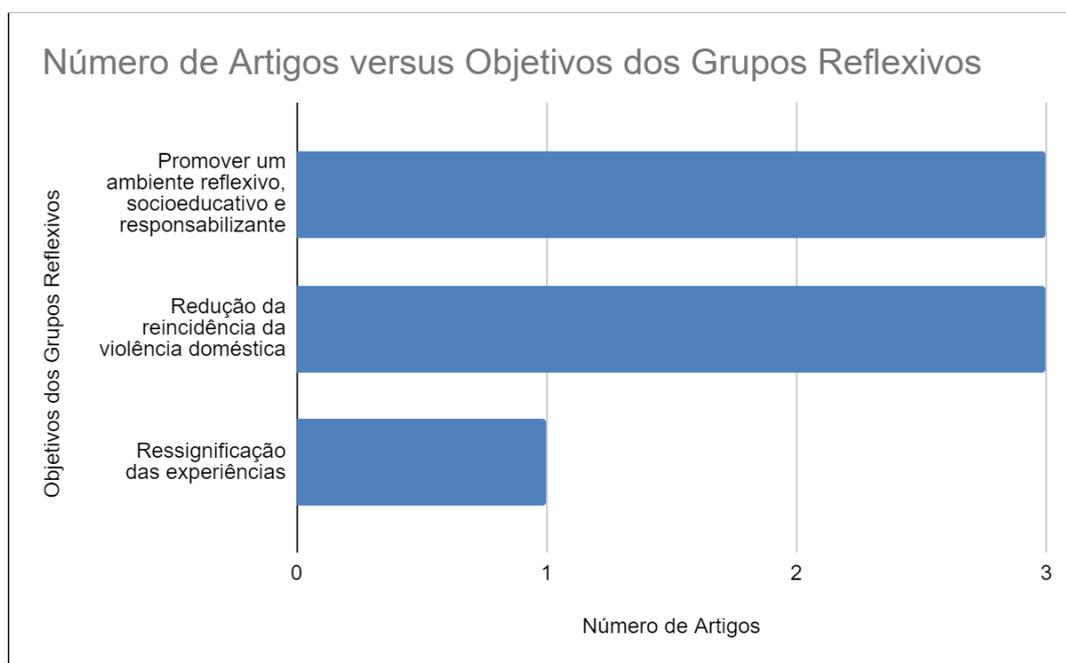
No que diz respeito aos ‘direitos da mulher, humanos e outros’, essa categoria enquadra relatos de: direitos da mulher, direitos da família, direitos da sociedade, ambos presentes em SOUZA (2015); direitos humanos e Lei Maria da Penha (BEIRAS, NASCIMENTO e INCROCCI; 2019).

Já as ‘implicações negativas da violência’, foram encontradas as categorias: impor a vontade e fluxo de autoridade (PIMENTEL, 2016), bem como as próprias implicações negativas da violência (SOUZA, 2015).

Por fim, temos a ‘resolução dos conflitos’, relatadas e catalogadas como: os sentimentos de injustiça, comportamentos e sentimentos, educação emocional e as resoluções de conflitos (PÊ et al., 2022).

Três objetivos prevaleceram nas iniciativas de formação de grupos reflexivos para reeducação dos autores de agressões domésticas. Figura 8.

Figura 8: Número de artigos conforme objetivos nas iniciativas de reeducação de autores de agressão doméstica



Fonte: Própria autoria

Os objetivos também foram catalogados, havendo uma concordância entre os resultados, conforme três categorias definidas.

A primeira categoria foi denominada 'promover um ambiente reflexivo, socioeducativo e responsabilizante' e enquadra relatos de: reflexões sobre as diferenças entre homens e mulheres nas dimensões da corporeidade e sexualidade (PIMENTEL, 2016), precisam renunciar à simples defesa do ponto de vista de mulheres quando se opõem às expectativas dos homens, e buscar caminhos dialógicos (BILLAND e PAIVA, 2017), bem como, promover um ambiente reflexivo, socioeducativo e responsabilizante (PÊ et al., 2022).

A segunda categoria com igual ocorrência é a 'redução de reincidência da violência doméstica', que possui os seguintes relatos: a reinserção social dos que são acompanhados pelo serviço e a redução da reincidência criminal (SOUZA, 2015); prevenir e reduzir a reincidência da violência doméstica e familiar contra a mulher (PÊ et al., 2022).

Por fim, a terceira e última categoria e com a menor incidência é a 'ressignificação da experiência', que possui as seguintes ocorrências: espaço de escuta, de acolhimento e de confiança; resignificação das experiências; estimular a participação criativa do grupo, ambos presentes em PÊ et al. (2022).

5.3. Grupos Reflexivos e Masculinidade Tóxica

Segundo Talarico (2021?) “ Masculinidade tóxica se refere à noção de que um determinado conjunto de valores, ideias, comportamentos e características biopsicossociais associadas a indivíduos do gênero masculino, e incentivadas culturalmente, poderiam trazer consequências nocivas para a sociedade como um todo, inclusive para os próprios homens.” Sendo assim, essa construção da sociedade, determina uma série de regras que dizem respeito ao que um homem pode ou não fazer, o que pode acabar prejudicando a saúde do mesmo. (SUMMIT SAUDE, 2020).

A masculinidade tóxica constrói as expectativas de gêneros, as quais precisam ser desconstruídas nos grupos reflexivos para evitar a violência doméstica, como visto anteriormente no capítulo 2.

Portanto, para tentar desconstruir esse paradigma, uma das formas mais usadas atualmente é a reeducação do homem, por meio de grupos de apoio e conscientização. Mansuido (2020) diz que os grupos “[...] funcionam como espaços de educação e reabilitação com acompanhamento psicossocial. Sob orientação de uma equipe multidisciplinar e capacitada no assunto, esses homens têm a oportunidade de entender a gravidade dos atos que cometeram, serem conscientizados e, assim, diminuir a reincidência.”

Segundo Bianchini (2013) “O tratamento, se imposto por um juiz ou aceito pelo agressor apenas para evitar um mal maior, qual seja, a prisão, não é o ideal. Os agressores podem se comportar nesses centros da maneira como eles imaginam que os outros esperam que eles se comportem e dizer coisas que imaginam que os outros esperam que eles digam. Se o comprometimento obtido dos agressores para com a reflexão, por outro lado, for real, e a assunção de responsabilidades subsistir à assunção de culpa, os resultados podem ser bastante satisfatórios.”

Sendo assim, esses grupos são categorizados para mostrar o real papel do ser humano em geral, bem como, as suas obrigações perante a sociedade, de modo a evidenciar o que é certo ou errado. Sendo assim, os grupos visam extinguir o pensamento e as atitudes de que não existe o papel do homem ou o papel da mulher, mas sim uma igualdade de papéis.

5.4. Grupos Reflexivos e Cursos Online

Como foi abordado no capítulo 3, a tecnologia se tornou indispensável em nossas vidas, sendo assim, muitos recursos do dia a dia passaram a ser utilizados por meio do uso de tecnologias. Dentre estes recursos podemos citar o uso de cursos online, como uma ferramenta de capacitação à parte, podendo ser complementar ou total.

Um dos grandes desafios enfrentados pelos grupos reflexivos é o fato dos participantes precisarem estar presentes em um ambiente físico, o que demanda tempo e dinheiro, tanto para o agressor, quanto para as instituições que realizam

esses cursos. Além disso, também se deve avaliar a quantidade de vagas destinadas aos cursos presenciais, porque, caso se tenha uma grande demanda, será necessário criar várias turmas, de modo que consigam atender a demanda existente.

Segundo BEIRAS, NASCIMENTO e INCROCCI (2019) os cursos online possibilitam a “[...] sistematização das lições aprendidas, de forma a auxiliar na formulação de outras iniciativas, evitando que novos programas sejam iniciados de forma frágil ou simplista”, o que pode ser caracterizado como uma das grandes vantagens dos cursos online.

Em PÊ et al. (2022) houve uso de tecnologias auxiliares, como por exemplo: vídeo e música, o que também pode ser observado em Souza (2015), que fez uso de um filme para disseminação do conteúdo. Com o uso dessas ferramentas online, o participante continuaria tendo o mesmo contato com estes recursos midiáticos, porém, com uma ressalva de poder rever quantas vezes quiser.

Por isso, os cursos online podem ser caracterizados como uma das alternativas para proporcionar aos seus participantes, acesso a qualquer hora, em qualquer lugar, desde que possua um aparelho e internet disponíveis, bem como, possam rever quantas vezes forem necessários. Sendo assim, as demandas dos grupos reflexivos podem ser mitigadas por cursos online. Segundo PÊ (2022) “A decisão de realizarmos apenas cinco encontros se justificou pela necessidade de aumentar a oferta de grupos e, também, pela situação socioeconômica dos homens, caracterizada pelo subemprego, e por possíveis consequências (perda de renda e demissão) de deixar de trabalhar para frequentar as reuniões.”

Como vimos anteriormente no capítulo 1, existe uma metodologia denominada INTERA, a qual tem como finalidade a Construção de Cursos Online.

Em nosso contexto atual, precisamos frisar três itens principais: a contextualização, os requisitos e a arquitetura. De início, a contextualização vai definir a quantidade de participantes, bem como a sua faixa etária e os conhecimentos básicos para realização do mesmo. Nesse ponto também faz-se necessário avaliar se existem profissionais capacitados para auxiliarem durante o curso e todas as ferramentas necessárias para realizá-lo.

Em seguida, a segunda fase denominada requisitos, onde tem-se que avaliar os dados básicos e necessários para a criação de cada uma das aulas a serem realizadas. Esses requisitos vão desde os recursos midiáticos a serem utilizados, até mesmo se é necessário ter textos e atividades para os participantes realizarem.

Dando continuidade, na terceira e última fase denominada arquitetura e tem como finalidade, a criação dos roteiros de cada aula. Estes roteiros contêm os slides em si, as atividades montadas, os vídeos, áudios que serão utilizados, ou seja, tudo o que deverá ser criado para confeccionar as aulas online.

Vale ressaltar, que os cursos presenciais podem acabar deixando o participante um pouco constrangido, de modo que ele não consiga se expressar corretamente, o que por ser online, já daria uma melhor expressão, pois ele não estaria sendo observado pelos outros participantes, como ocorre no presencial, e assim, eles teriam mais liberdade para poderem se expressar. Além disso, a

comunicação entre os próprios participantes e com os profissionais multidisciplinares, pode acabar melhorando e deixando-os mais à vontade.

6

Conclusão

Neste trabalho abordou-se um dos temas a que mais se deu voz no século XXI, mas que ainda precisa de muita atenção. A violência contra as mulheres deve ser vista também pelo lado do agressor. O porquê eles fazem isso e como se sentem com relação a isso são duas perguntas a serem selecionadas.

O principal objetivo deste trabalho é poder apresentar dados, que possibilitem o planejamento e estrutura básica necessária para a criação de um curso online, com foco nos agressores domésticos.

A pesquisa iniciou-se por meio da criação e estabelecimento de uma string de busca, a qual continha os principais temas abordados no trabalho. Em seguida, usou-se essa string de busca para realizar a pesquisa em bases do Periódico Capes. Após esta pesquisa, houve um compilado dos artigos encontrados seguindo os critérios de seleção: ano de publicação entre 2012 e 2022; ter sido revisado por pares; e referenciar algum grupo de ressocialização de agressores. Vale ressaltar que esses grupos vão desde medidas protetivas, até mesmo, com agressores já penalizados. Dando continuidade, leu-se os resumos, introdução e conclusão de todos os artigos encontrados e viu-se quais deles se encaixam nos critérios pré-estabelecidos. Após essa verificação, deu-se início às verificações completas dos artigos que tinham uma correspondência com o tema.

Durante a construção deste trabalho, deparou-se com algumas limitações, entre elas pode-se citar uma das principais: a falta de artigos científicos indexados, sobre a temática. Existem dados sobre o tema, mas a grande maioria não se encontra nas bases científicas, ou seja, não há uma revisão por pares, por exemplo, o que torna inviável poder se considerar em RSL. Assim, vale considerar revisão bibliográfica convencional para estudos futuros acerca do assunto.

Para o futuro, espera-se a implementação do curso online, seguindo a metodologia denominada INTERA e disponibilizar mais uma ferramenta de combate à violência contra as mulheres, porém considerando não somente o socorro às vítimas, mas também a reeducação de seus agressores.

Referências

- BEIRAS, Adriano; NASCIMENTO, Marcos; INCROCCI, Caio. (2019) **Programas de atenção a homens autores de violência contra as mulheres: um panorama das intervenções no Brasil.** Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/BkkGwctw6WzsBbJbxSbPsNq/abstract/?lang=pt/>>. Acesso em: 29/05/2022.
- BELMIRO, Marcia. (2020) **Machismo Infantil existe, e precisa ser discutido.** ICIJ. Disponível em: <<https://institutoinfantojuvenil.com.br/machismo-infantil-existe-e-precisa-ser-discutido/>>. Acesso em: 20/03/2021.
- BENTO, Luciana; BELCHIOR, Gerlaine. (2016) **Mídia e Educação: O uso das tecnologias em sala de aula.** Revista de Pesquisa Interdisciplinar. Cajazeiras, v. 1, Ed. Especial, 334–343. Disponível em: <cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/view/98/104>. Acesso em: 20/03/2021.
- BIANCHINI, Alice. (2013) **Homens agressores: grupos de reflexão, prevenção terciária e violência doméstica.** jusbrasil. Disponível em: <<https://professoraalice.jusbrasil.com.br/artigos/121814321/homens-agressores-grupos-de-reflexao-prevencao-terciaria-e-violencia-domestica/>>. Acesso em: 28/05/2022.
- BILLAND, Jam; PAIVA, Vera Silvia Faccioli. **Desconstruindo expectativas de gênero a partir de uma posição minoritária: como dialogar com homens autores de violência contra mulheres?** Revista Ciência & Saúde Coletiva . set2017, Vol. 22 Issue 9, p2979-2988. 10p. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/nB7rdSM5H69JtBrz7NkjG6N/abstract/?lang=pt/>>. Acesso em: 29/05/2022.
- BLEAL, Joao. (2018) **Recursos tecnológicos em sala de aula: 6 sugestões para você usar.** Arvore. Disponível em: <<https://arvore.com.br/blog/educacao/recursos-tecnologicos-em-sala-de-aula-6-sugestoes-para-voce-usar/>>. Acesso em: 23/03/2021.
- BRAGA, Ana Maria (2018) **Masculinidade Tóxica: quando o machismo também prejudica os homens.** Globo.com. Disponível em: <<https://anamariabraga.globo.com/materias/masculinidade-toxica-quando-o-machismo-tambem-prejudica-os-homens/>>. Acesso em: 22/03/2021.
- CHAVES, Thais. (2019) **Machistas em Tratamento: os homens que combatem a masculinidade tóxica.** Carta Capital. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/machistas-em-tratamento-os-homens-que-combatem-a-masculinidade-toxica/>>. Acesso em: 21/03/2021.
- COIMBRA, Rhode; LEAL, José; SOUZA, Vagner; POTI, Andrea. (2022c) A Contribuição da Educação à Distância dentro do Cenário Educacional. Brasil Escola. Disponível em: <<https://meuartigo.brasile scola.uol.com.br/educacao/a-contribuicao-educacao-distancia-dentro-cenario-educacional.htm>>. Acesso em: 28/05/2022
- CONSUMIDOR MODERNO. (2018) **Estudo sobre masculinidade tóxica traz dados alarmantes ao homem brasileiro.** Consumidor Moderno. Disponível em: <<https://www.consumidormoderno.com.br/2018/07/11/masculinidade-toxica-dossie-a-ponta-necessidade-de-discutir-o-tema/>>. Acesso em: 20/03/2021.

- DENTRO DA HISTÓRIA. **Como criar meninos e meninas para igualdade?** Dentro da História. Disponível em: <<https://www.dentrodahistoria.com.br/blog/educacao/como-criar-filhos-para-a-igualdade/>>. Acesso em: 20/03/2021.
- DOMICIANO, Carolina. (2018) **Diversidade no ambiente de trabalho: por que é importante?** RHPortal. Disponível em: <<https://www.rhportal.com.br/artigos-rh/diversidade-no-ambiente-de-trabalho/>>. Acesso em: 20/03/2021.
- DOTTA, Sílvia; JORGE, Erica; BRAGA, Juliana e PIMENTEL, Edson. (2012) **Relato de Experiência: Processo de Elaboração de um Curso a Distância utilizando a Metodologia INTERA.** In ESUD 2012 – IX Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância Recife/PE, 19 – 21 de agosto de 2012 – UNIREDE. Disponível em: <<https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/30692210>>. Acesso em: 28/05/2022.
- ESTEVANS, Gabrielle (2017). **A masculinidade tóxica é um dos principais inimigos do homem.** Papo de Homem. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/a-masculinidade-tem-sido-a-principal-inimiga-dos-homens>>. Acesso em: 22/03/2021.
- GALVAO, Taís Freire; PEREIRA, Mauricio Gomes. **Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração.** Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, v. 23, n. 1, p. 183-184, mar. 2014. Disponível em <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742014000100018&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28/05/2022.
- GELEDÉS, Portal. (2017) **Você sabe o que é masculinidade tóxica?** Portal Geledés. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/voce-sabe-o-que-e-masculinidade-toxica/>>. Acesso em: 20/03/2021.
- HARDT, Felipe. (2020) **Mudanças na Educação: conheça 5 tendências para 2021!** VINDI. Disponível em: <<https://blog.vindi.com.br/mudancas-na-educacao-em-2020/>>. Acesso em: 23/03/2021.
- HOTMART. (2018) As 11 tecnologias educacionais essenciais para quem dá aula online. Disponível em: <<https://blog.hotmart.com/pt-br/tecnologias-educacionais/>>. Acesso em: 23/03/2021.
- IBGE. (2019) **Quantidade de Homens e Mulheres.** IBGE Educa Jovens. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html#:~:text=Segundo%20dados%20da%20PNA D%20Cont%C3%ADnu,51%2C8%25%20de%20mulheres.>>>. Acesso em: 21/03/2021.
- INOCÊNCIO, Doralice; CAVALCANTI, Carolina. (2005) **O Trabalho em Grupo como Metodologia de Ensino em Curso e Disciplinas On-line.** Congresso ABED 2005. VINDI. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/014tcc3.pdf>>. Acesso em: 28/05/2022.
- INSTITUTO MARIA DA PENHA. (c2018) **Mitos da Violência Doméstica.** Instituto Maria da Penha. Disponível em: <<https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>>. Acesso em: 21/03/2021.
- KOLLER, Sílvia H; COUTO, Maria Clara P. de Paula; HOHENDORFF, Jean Von. (Orgs.). **Manual de produção científica.** Porto Alegre: Penso, 2014.
- LATORRE, Julia. (2020) **O que é ser machista?** Psicologia Online. Disponível em: <<https://br.psicologia-online.com/o-que-e-ser-machista-496.html>>. Acesso em: 22/03/2021.

- GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. **REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA: CONCEITUAÇÃO, PRODUÇÃO E PUBLICAÇÃO.** Logeion: Filosofia da Informação, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 57–73, 2019. DOI: 10.21728/logeion.2019v6n1.p57-73. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835>. Acesso em: 28/05/2022
- MANSUIDO, Mariane. (2020) **O outro lado da violência doméstica: conheça os centros de reabilitação para agressores.** Câmara Municipal de São Paulo. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.leg.br/mulheres/o-outro-lado-da-violencia-domestica-conheca-os-centros-de-reabilitacao-para-agressores/>>. Acesso em: 28/05/2022
- MODA, Beatriz. (2019) **Masculinidade Tóxica e afetividade.** ANF. Disponível em: <<https://www.anf.org.br/masculinidade-toxica-e-afetividade/>>. Acesso em: 20/03/2021.
- MORETTI, Felipe Azevedo; ZUCCHI, Paola. (2010) **Caracterização dos grupos de apoio e associações de pacientes portadores de doença reumatológica no Brasil.** Rev Bras Reumatol 2010, 50(5), pp. 516-28. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0482-50042010000500005>. Acesso em: 23/03/2021.
- NAVE À VELA. (2019) **Tecnologia na Educação: como inovar em sala de aula.** Disponível em: <<https://naveavela.com.br/tecnologia-na-educacao-como-inovar-em-sala-de-aula/>>. Acesso em: 23/03/2021.
- OAB. (2009) **A igualdade de direitos entre homens e mulheres ainda não é fato.** JusBrasil. Disponível em: <<https://oab.jusbrasil.com.br/noticias/275308/artigo-a-igualdade-de-direitos-entre-homens-e-mulheres-ainda-nao-e-fato>>. Acesso em: 20/03/2021.
- PAULA, Raí Carlos Marques de; ROCHA, Fátima Niemeyer. (2019) **Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo: uma reflexão a partir da psicologia positiva.** Revista Mosaico. 2019 Jul./Dez.; 10 (2): SUPLEMENTO 82-88. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1835/1336>>. Acesso em: 22/03/2021.
- MOYA, Isabela (2019), **Machismo: você entende mesmo o que significa?** Politize. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/o-que-e-machismo/>>. Acesso em: 21/03/2021.
- PE, Felipe Zeferino et al . **VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: EXPERIÊNCIA DE PROFISSIONAIS FACILITADORES DE UM GRUPO REFLEXIVO DE HOMENS.** Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto , v. 23, n. 1, p. 87-102, jun. 2022 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702022000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29/05/2022.
- PIMENTEL, Adema. **Grupos existenciais para conscientização de homens.** Rev. NUFEN, Belém , v. 8, n. 1, p. 55-75, 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-2591201600010005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29/05/2022.
- PORTABILIS. (c2021) **Recursos educacionais digitais: saiba o que é e como escolher.** Portabilis Tecnologia. Disponível em: <<https://blog.portabilis.com.br/recursos-educacionais-digitais-saiba-o-que-e-e-como-escolher/>>. Acesso em: 23/03/2021.
- PJERJ. (2016) **O que é a violência doméstica? E o Femicídio?** PJERJ. Disponível em: <<http://www.tjrj.jus.br/web/guest/observatorio-judicial-violencia-mulher/o-que-e-a-violencia-domestica-e-o-femicidio>>. Acesso em: 20/03/2021.

- RALEDUC, (2016) **Processo de criação de um curso EAD**. Disponível em: <<https://blog.raleduc.com.br/2016/07/14/etapas-da-criacao-de-um-curso-ead/>>, Acesso em: 21/03/2021.
- RAMOS, Patrícia Edí. (c2021) **As tecnologias de informação e comunicação (TICs) no contexto escolar**. Brasil Escola. Disponível em: <<https://monografias.brasescola.uol.com.br/educacao/as-tecnologias-informacao-comunicacao-tics-no-contexto-escolar.htm>>. Acesso em: 23/03/2021.
- REIF, Laura (2020), **Violência doméstica: o que é e quais são os tipos**. Instituto AZMina. Disponível em: <<https://azmina.com.br/reportagens/violencia-domestica-o-que-e-e-quais-sao-os-tipos/>>. Acesso em: 21/03/2021.
- RODRIGUES, Thaís Ribeiro; STEFANONI, Luciana Renata Rondina. Jus.com.br. (2016) **Violência Doméstica Contra a Mulher**. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/52651/violencia-domestica-contra-a-mulher/>>. Acesso em: 25/05/2022.
- RIBEIRO, Bruna; VIERA, Juliana; FARIA, Margareth (2020) **Grupos Reflexivos para Autores de Violência Doméstica: Uma Revisão Sistemática a partir da Perspectiva da Justiça Terapêutica**. Anais do III Seminário de Produção Científica do Cursos de Psicologia da UniEvangélica. Disponível em: <<http://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/9983>>. Acesso em: <28/05/2022>.
- SAMPAIO, Rosana. (2007). **Estudos de revisão sistemática: Um guia para síntese criteriosa da evidência científica**. Revista Brasileira De Fisioterapia - REV BRAS FISIOTER. 11. 10.1590/S1413-35552007000100013. Acesso em: 28/05/2022.
- SANT'ANNA RAMOS VOSGERAU, D.; PAULIN ROMANOWSKI, J. **Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas**. Revista Diálogo Educacional, [S. l.], v. 14, n. 41, p. 165–189, 2014. DOI: 10.7213/dialogo.educ.14.041.DS08. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/2317>. Acesso em: 29/05/2022.
- SCANDALO, Erika. (2019?) **Grupo de apoio como espaço para acolhimento e fortalecimento de pacientes e cuidadores**. Instituto Espaço de Vida. Disponível em: <<https://www.espacodevida.org.br/seu-espaco/comportamental/grupos-de-apoio-como-espao-para-acolhimento-e-fortalecimento-de-pacientes-e-cuidadores>>. Acesso em: 21/03/2021.
- SILVA, Alzira Feitosa; SOARES, Cláudia Vivien Carvalho de Oliveira; SOUZA, Elmara Pereira. (2021) **Construção de software educativo, objeto de aprendizagem e recurso educacional aberto para o desenvolvimento do pensamento computacional**. In: SAMPAIO, Fábio F.; PIMENTEL, Mariano; SANTOS, Edméa O. (Org.). **Informática na Educação: pensamento computacional, robótica e internet das coisas**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. (Série Informática na Educação CEIR-SBC, v.6) Disponível em: <<https://educacao.ceie-br.org/pensamentocomputacional/>>. Acesso em: 21/03/2021.
- SM EDUCAÇÃO (2020) **Blog sobre Educação: os 5 principais para buscar conhecimento**. Disponível em: <<https://www.aeducacaonosome.com.br/blog/blog-sobre-educacao>>. Acesso em: 23/03/2021.
- SOUZA, J. & ALMEIDA, A. & ALVES, S. & Ekuni, Roberta & GARCIA, L. & LOPES, S. & TAKAHARA, E.. (2016). **PROGRAMA BASTA: RELATOS E REFLEXÕES SOBRE**

- A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.** Revista Conexão UEPG. 12. 156-165. 10.5212/Rev.Conexao.v.12.i1.0012. Acesso em: 29/05/2022.
- STEVANIM, Luiz Felipe. (2019) **O machismo fragiliza todo mundo.** FIOCRUZ. Disponível em: <<https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/entrevista/o-machismo-fragiliza-todo-mundo#:~:text=O%20machismo%20traz%20preju%C3%ADzos%20individuais,compreendido%20nos%20mais%20diversos%20espa%C3%A7os>>. Acesso em: 22/03/2021.
- SUMMIT SAÚDE. (2020) **Os efeitos da masculinidade tóxica na saúde do homem.** Estadão. Disponível em: <<https://summitsaude.estadao.com.br/desafios-no-brasil/os-efeitos-da-masculinidade-toxica-na-saude-do-homem/#:~:text=A%20masculinidade%20t%C3%B3gica%20%C3%A9%20uma,a%20dia%20de%20muitas%20pessoas./>>>. Acesso em: 22/03/2021.
- TALARICO, Isabela. (2021?) **O que é e quais são os efeitos da masculinidade tóxica?** eCycle. Disponível em: <<https://www.ecycle.com.br/masculinidade-toxica/>>. Acesso em: 28/05/2022.